

POLÍTICA EXTERNA

A confiança em Sarney

A morte do presidente Tancredo Neves provocou uma grande e sincera consternação no exterior, especialmente nos países que ele visitou, já escolhido chefe de governo mas ainda não empossado. Esse sentimento constitui uma homenagem não apenas à figura humana de Tancredo, que soube cativar seus anfitriões, mas à sua postura de estadista, que forneceria uma dimensão correta à Nova República.

Havia a consciência no exterior, como no Brasil, de que Tancredo era para este momento uma personalidade especial e até por isso quase insubstituível para conduzir a bom termo as tarefas de um perigoso regime de transição que, esperamos, nos leve a um sistema bem mais aberto. Essa convicção, que se tinha à distância, ficou bem nítida para as personalidades estrangeiras que receberam Tancredo Neves. Foi fácil identificar nele as condições de um estadista capaz de conduzir seu povo e guiá-lo por rotas seguras. Tal segurança, no controle do quadro interno, o líder da Aliança Democrática saberia por certo transferir também para as relações externas do Brasil.

É natural, assim, que exista uma óbvia frustração também internacional com o desaparecimento de Tancredo Neves. São mais que mera formalidade, nesse sentido, as mensagens de condolências que estão chegando de toda a parte. A ausência de Tancredo não desencoraja, porém, a confiança dos parceiros mundiais do Brasil na firmeza das instituições políticas que estão sendo construídas com tantos sacrifícios. Seus dirigentes percebem que o legado de Tancredo é mencionado a toda hora e deverá ser cumprido para que as promessas em praça pública não tenham sido em vão.

As homenagens fúnebres a Tancredo, por parte da comunidade internacional, não impedem que se perceba um crédito de confiança já aberto para o presidente José Sarney, que terá a difícil incumbência de unir a Aliança Democrática e honrar os ideais da Nova República. Ficou para todos, nas embaixadas estrangeiras acreditadas em Brasília, a idéia de que Sarney comportou-se de forma adequada no período da enfermidade de Tancredo. Com serenidade, com discriminação, com respeito, ele recusou-se a avançar sobre o legado antes que o líder fosse declarado oficialmente impedido de governar. Sem permitir o vazio de poder — dizem as embaixadas — Sarney soube manter simultaneamente o comportamento correto que lhe cabia.

Alguns embaixadores querem ver em Sarney uma figura preparada para as agruras do momento. Recusam-se a enxergar nele uma personalidade vazia, sem idéias próprias. O compasso de espera que o novo presidente se permitiu teria sido, nesse raciocínio, apenas o tempo necessário para aguardar a ressurreição do líder Tancredo Neves, que se mostrou impossível. Consumado o desenlace, a melhor homenagem à memória de Tancredo seria lançar mãos à obra e construir a Nova República.

Os embaixadores concedem a Sarney a possibilidade de mostrar que mudou, ao se desembaraçar do PDS e do regime autoritário a que serviu durante tanto tempo e com tanto fervor. Ao romper com seu partido, ao renegar o malufismo, ao participar da dissidência lançada por Aureliano Chaves e Marco Maciel o ex-governador do Maranhão teria somado pontos para construir um futuro político mais civilizado.

Os embaixadores estrangeiros admitem que as multidões dos belos comícios pelas Diretas-Já devem estar frustradas em ver, na liderança da Nova República, alguém que até há tão pouco tempo não passava de presidente do PDS. Mas, por outro lado, lembram que há um generalizado apoio nacional à implantação da Nova República mesmo sem o seu líder máximo. O povo apoiou imediatamente o cumprimento da Constituição e a oficialização, no Palácio do Planalto, de Sarney. Era o apreço da Nação pela legalidade e pelo cumprimento das normas democráticas. O representante do Maranhão era o herdeiro desse legado. Deveria naturalmente, nesse caso, tomar o bastão de comando. Segundo a análise das embaixadas, só em um segundo momento a Nação se deterá especificamente sobre a figura política de José Sarney.

Para a Nação, que não se esqueceu do passado recente, fica um pouco difícil verificar que o presidente Sarney pertence hoje ao PMDB. As embaixadas acreditam que esse quase susto logo será tragado pelo tempo. Mas tudo dependerá basicamente do ex-governador maranhense e da sua capacidade de, mudando, surgir como um verdadeiro líder político dos novos tempos. O crédito de confiança está aberto para Sarney. As mais diversas correntes de opinião pública unem-se já em torno dele, em um sincero e emocionante movimento de amor ao Brasil. Cabe a ele mostrar-se à altura de tanta honra e responsabilidade.

José Sarney pode ser a surpresa boa ou a frustração. Há uma enorme torcida, na imensa arquibancada desses brasis, esperando que ele jogue bem. Os países amigos do Brasil empenham-se na mesma expectativa. Com tantos bons fluidos seria mesmo uma pena que Sarney não desse certo. Ele, a memória de Tancredo e nós não merecemos isso.

Carlos Conde